

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Liberta Lopes da Anunciação

registada em 2008-09-17
por

Jenny Campos e Susana Pires

Liberta Lopes da Anunciação

Liberta Lopes da Anunciação nasceu a 19 de Maio de 1936 no Piódão, na casa onde hoje vive. O pai chamava-se António Lopes José e a mãe era Maria da Anunciação. Os pais cultivavam a terra e criaram dois filhos. Liberta foi por pouco tempo à escola, mas não tinha muito tempo para isso e nem era obrigada. Apenas fez a segunda classe. Casou há 51 anos, tinha na altura 21. Recordava ainda o dia do casamento. Foi na igreja do Piódão e o almoço em casa. Durante 30 anos viveu em Lisboa. Depois de casada foi para lá, porque era onde o marido trabalhava. Começou a trabalhar cedo, “a acartar latas de resina, na floresta” e ia buscar a mercearia para depois vender nas lojas da aldeia. Em Lisboa fez soutiens para uma fábrica. Mas depois disso nunca trabalhou. “Tratava da casa. Depois também vieram os filhos.”

Índice

Identificação Liberta Lopes da Anunciação.....	4
Ascendência António Lopes José e Maria da Anunciação.....	4
Casa A casa dos pais.....	6
Infância "Fiz bonecas de trapos".....	6
Educação As professoras e a escola.....	7
Religião Uma procissão certinha.....	7
Ofício "Comecei muito cedo a trabalhar".....	8
Namoro "Não sei quando comecei a namorar".....	9
Casamento "Um casamento feliz".....	9
Migração "Não morei sempre aqui no Piódão".....	11
Descendência "É uma menina quase com 50 anos".....	12
Lugar Piódão.....	12
Costumes Gastronomia.....	18
Quotidiano O dia a dia.....	20
Sonhos "Gostava de ter aprendido".....	20
Avaliação "Para valorizar as pessoas".....	20

Identificação *Liberta Lopes da Anunciação*

O meu nome completo é Liberta Lopes da Anunciação. Nasci a 19 de Maio de 1936 no Piódão, na casa onde hoje vivo.



Liberta Lopes da Anunciação

Ascendência *António Lopes José e Maria da Anunciação*

O meu pai chamava-se António Lopes José. Era do Piódão. A minha mãe era Maria da Anunciação. Era do Soito da Ruiva. Veio para cá viver com 9 anos ou o que foi. Foi criada com os padrinhos. Ficou sem os pais nova, por isso dos pais da minha mãe não sei nada. Nem dos do meu pai. Sei que o meu avô, do meu pai, se chamava António, Manuel António. Não conheci os avós, nem de um lado, nem do outro, por isso não conheço a história deles. O meu

pai era agricultor. Cultivar terra era o trabalho dele. Também andou a fazer um carvãozito das torgas que arrancavam do mato, para fazerem um dinheirito, porque não havia reformas, não havia nada nesses tempos. Se não ganhassem alguma coisita, não tinham nada. Era o milho e as batatitas que cultivavam, mais nada. Era assim a vida deles. O meu pai era um bom homem e um pai bom. Graças a Deus tive uns bons pais. Ele não batia muitas vezes. A minha mãe, às vezes, batia mais que o meu pai. Mas isso é natural. As mães andam sempre mais com a mão no ar que os pais.



Mãe de Liberta nas escadas em frente à casa (tirada por turistas do Porto, em 1973)

Tenho um só irmão. Dávamo-nos muito bem quando novos. Ainda agora nos damos bem, graças a Deus. Eu tenho mais seis anos do que ele. Quase que o ajudei a criar. Naquele tempo não havia creche, não havia nada. Os mais velhos ajudavam a criar os mais novos. Eu é que andava já com ele às costas na rua. Depois ele foi cedo para Lisboa, assim que acabou a quarta classe. Acho que já foi lá fazer 13 anos. Eu fui também daí por pouco tempo que me casei. Ele

até costuma dizer que eu fui segunda mãe dele. Ele lá vinha todas as semanas a minha casa, ao dia da folga. Depois fez a tropa e eu é que lhe tratava da roupa também. Mas sempre nos demos muito bem.

Casa A casa dos pais

Lembro-me da casa dos meus pais. Era a casa onde moro agora. Só que era toda de madeira. E por acaso até era muito bonita. A gente agora é que já a mandou arranjar que a madeira já estava muito velha. Estava muito velha mesmo, pois já foi feita em 1926. Praticamente era como está agora. Só que o chão era madeira e por cima também, trabalhadinha tudo à mão, a toda a volta. As janelas eram daquelas antigas de correr para cima, e com umas portas também de madeira por dentro, todas trabalhadinhas. Ainda era bonita a casa. Por acaso eu até gostava mais dela do que o que gosto agora. Mas estava velha. A gente uma vez vinha a descer do sótão enfiou-se uma perna na escada, fiquei lá com a perna entalada porque a madeira já estava toda velhinha. Agora há uns nove ou dez anos é que a gente a mandou arranjar. As paredes é a mesma coisa. Mandou deitar tudo abaixo e fizemos por dentro, mais ou menos, do género que ela era. Só que agora as paredes por meio são em tijolo e já ficaram estas divisões mais pequenas. Já ocupa mais. Era madeira de cima a baixo e depois tinha umas ripinhas a atravessar e era tudo rebocadinho. Era tudo forrado de baixo para cima e de cima para baixo. Em baixo não tínhamos animais. Só o porco numa loja e a adegna na outra. Os animais, as cabras, estavam nas fazendas, lá por fora. Eu ia sempre dormir no andar em baixo. Havia em cima um quartito, mas poucas vezes lá dormi. O quarto dos meus pais era onde agora é a salita. E era o sótão, em cima. O telhado era telha. Depois é que também apodreceu tudo, teve que ser tudo tirado para pôr a laje. A casa não tinha chaminés, nem nada para o fumo. Havia um caniço, chamavam o caniço. Era um bocado de madeira com umas ripas, onde punham as castanhas lá em cima a secar e as chouriças, ali penduradas na cozinha. Era assim a vida cá.

Infância "Fiz bonecas de trapos"

Quando era pequena costumava brincar com as miúdas na rua. Havia muita malta, nessa altura. Brincávamos a correr atrás umas das outras. Fazia umas bonecas de trapos, que não havia bonecas das outras. A minha mãe também as fazia, para a gente brincar. Era uma bonequita de um trapo qualquer. É quase como as que agora vendem. Que agora até gosto tanto daquilo. Andavam as mais

velhas com os mais novos às costas e era assim. Lá íamos para o pé da igreja, que era onde a gente brincava mais. E era a brincadeira que a gente tinha. Não havia outros divertimentos.

Íamos brincar todos, aos domingos, e íamos apanhar azeitona da igreja. Havia muita azeitona. No tempo da azeitona a gente, às vezes, é que nem ia assim com muita vontade. Mas os pais mandavam e era para a igreja. Tinha muito azeite. Agora não tem nada. Ardeu tudo. Nem igreja, nem ninguém. Mas todos os domingos a malta toda é que ia ajudar. Cá servia de distração também.

Educação *As professoras e a escola*

As professoras eram amigas. Davam-se bem com as pessoas porque também estavam aqui tanto tempo. E as pessoas também eram amigas delas. Ninguém as tratava mal. Por acaso até eram boas pessoas.

Havia muitas crianças, enquanto eu era nova, que andavam na escola. O que é naquele tempo as professoras não era como agora. Eram regentes. Esteve cá uma senhora que era do Baixo Alentejo. Casou cá. Mas vinham, às vezes, quando começavam as aulas e só iam no fim das aulas, quando fechassem as escolas. Eu andei pouco tempo na escola, que também já não me dava muito tempo para isso. Nem obrigavam a gente, a gente ia se queria. Também já tinha que tomar conta do meu irmão. Fiz a primeira classe e depois para fazer a segunda classe foi uma professora que esteve cá. Andei lá três meses para tirar a segunda classe, que era para lhe fazer companhia quando fossem fazer as passagens. Tínhamos que ir a Pomares passar de classe. Depois foi-se embora e eu também já não fui mais para a escola. O meu irmão ainda fez a quarta classe, mas eu já não fiz. Fiquei só com a segunda.

A escola era lá em cima, num salão numa casa. Ainda andei lá nas casas velhas. Ainda lá dei entrada onde agora é o Centro de Dia. Onde está o largo. Ali é que era a escola antiga. Ainda lá entrei na escola. Era onde tinha sido um seminário, noutra tempo. O professor era aquele que está lá numa estátua no largo, o Cónego Nogueira. Mas eu já não sou do tempo dele. Depois passou para lá da Casa do Povo, do posto médico. E depois ainda fui lá para cima para aquela que agora ardeu. Ainda me lembra irmos daqui com o crucifixo, o dia em que ela abriu. Fomos lá, os alunos todos, com o crucifixo em procissão. Lembro-me tão bem. Parece que estou a ver a gente a ir todos em procissão pelo caminho acima. Mas era muita malta. Havia muita gente, naquela altura. Agora não há nem um naquela escola. Andam ali na Ponte os miúdos. Agora têm que ir para ali. E foi assim a minha vida.

Religião *Uma procissão certinha*

Andei na doutrina aqui no Piódão. Quem dava a doutrina eram as raparigas já com mais idade que nós. Já tudo morreu. O padre ajudava mas, elas é que ensinavam. E depois quando era na altura das festas da freguesia, uns dias antes, vinham da freguesia os miúdos e as miúdas, da Malhada Chã, Chãs d'Égua, e juntava-se aqui tudo porque aqui é que é a freguesia. O senhor prior fazia a gente ir como que fosse o dia da procissão. A procissão ia ao cemitério e voltava, a gente tinha que ir ali certinhas. Para ficar tudo ali certinho para o dia da festa.

Ofício "*Comecei muito cedo a trabalhar*"

Comecei muito cedo a trabalhar. Andei aí a acartar latas de resina, na floresta. Era nas serras, do outro lado, ao cimo de Soito da Ruiva. Andei lá muito tempo. Aquilo era por conta do Estado. Eu, praticamente, pouco cortei mato porque me mandaram para a cozinha. Cada um tinha que levar o seu comer, para cozer lá. E uma panelita. Às vezes, até era um pucarito de barro. Era uma carreira de panelas de um lado, outra do outro, assim por aí fora. Às vezes, eram às 50 e mais. E a carreira da lenha ia pelo meio para as panelitas ferverem. A gente fazia o comer ali assim. Cada uma levava aquilo que podia. Não era todos igual. Era o que podia levar, naquele tempo. Mas íamos de manhãzinha e só vínhamos à noite, não havia oito horas, era de sol a sol.

Quando comecei a acartar resina era nova. Tinha aí uns 15, 16 anos, se calhar. Não me lembra assim muito bem. Ia também de noite para as lojas, para as mercearias. Era em frente à minha casa. E era outra que era do pai do Lourenço, o meu primo. Era o meu tio que tinha lá uma loja. Para aqui não vinha nada. Não havia estradas! A gente tinha que ir a Vide ou a Pomares buscar a mercearia para depois vender aqui nas lojas. Eram umas sacas de 70 quilos, que não vinha assim empacotado como agora. Dividíamos uma saca por duas, para trazer às costas. Aí uma média de 35 quilos. Não os pesavam mas era mais ou menos. Ainda era um bocado bom para cá. Ia a pé. Não havia estradas! Agora não sei quanto tempo demorava. Para lá ia-se mais depressa que se ia sem nada, mas para cá eram umas três ou quatro horas, se calhar. A gente tinha que ir poisando o carregio e descansando. Ai, foi muito dura a vida. Depois aqui vendiam um quilo ou meio quilo, conforme a pessoa precisasse e pudesse comprar. Ainda agora dizem que é mau, e é, mas nesse tempo também não era bom.

Já em Lisboa íamos buscar soutiens a uma senhora, que tinha uma fábrica de fazer soutiens, e a gente fazia em casa e ia levar. Tinha e tenho uma máquina de costura. Tenho-a no sótão, ainda. Agora custa-me, é que já não vejo muito bem.

A vista tem falhado muito. Mas fiz muitos soutiens. Gostava de fazer aquilo, parece que está a enfiar chouriças por ali fora. Porque não se faz um soutien, um de cada vez, que se começa e se acaba. Senão isto não dava nada. Faz-se o cós por baixo e depois faz-se as caixas. E depois vão-se pegando as caixas na máquina. Tudo pegado, só depois é que se corta com a tesoura as linhas, que estão a separar uns e os outros. E as alças na mesma. Aquilo leva muito trabalho um soutien. Às vezes, até digo assim:

- Olha, quem os aí vê nem sabe o trabalho que isto dá.

A gente não fazia só um. Metia às dúzias de cada vez. Quando acabasse um, acabava uma dúzia. Ia-se fazendo assim. Só quando estivesse tudo pronto é que estava uma dúzia feitos, ou isso. Naquele tempo era uma ninharia de dinheiro que se ganhava, mas pronto. Até foi uma senhora que ainda lá mora, que me ensinou. A mim e a mais. Íamos à Buraca, ainda era bastante longe, que eu morava no Feijó. Depois foi uma senhora lá de Almada que me deu trabalho para casa. Não fiz mais nada.

Depois disso nunca trabalhei. Tratava da casa. Depois também vieram os filhos. Naquele tempo não tinham creches assim como agora. Para a gente se empregar não dava para pagar também. Depois é que andei assim um tempo que andei no "vai-e-vem" porque o meu pai adoeceu aqui. Esteve três anos entrevado. A minha mãe já não podia sozinha. Ele também já ía com 70 anos. Eu é que tinha que andar para lá e para cá. Era oito ou 15 dias lá, 15 dias aqui. Ou um mês lá e 15 dias aqui. Era assim para ir aguentando num lado e noutro. Porque a filha também ainda estava a estudar naquela altura. Foi assim um bocado complicado, mas tudo se fez com boa vontade.

Namoro "*Não sei quando comecei a namorar*"

Não sei quando comecei a namorar! Eu casei com 21. Não tenho ideia. A gente aqui nem se apercebia porque começávamos a conviver uns com os outros e pronto. Depois o povo é que fazia o casamento.

- "Olha, aqueles andam a namorar."

E depois começavam a falar e pronto, fazia-se o casamento.

Casamento "*Um casamento feliz*"

Casei há 51 anos. Foi em 57. Não fiz festa o ano passado. A filha queria mas eu não quis. Ela queria chamar as tias todas e eu disse assim:

- Ah! Não quero.

A gente já está velho para essas coisas. A gente sempre se deu bem, para que é que agora há-de andar com coisas? Graças a Deus tenho um casamento feliz. Nem todos o podem dizer.



José Lopes Ribeiro, marido de Liberta, em Lisboa

Lembro-me do dia do meu casamento. Foi cá na igreja do Piódão. E o almoço cá em casa, que era o costume. Não iam comer fora. Nem cá havia restaurantes. Cada um fazia a festinha em casa conforme as posses. Não me lembro bem o que se comeu nesse dia. Matavam uma cabra ou uma ovelha e faziam arroz-doce, coscoréis, pão-de-ló, assim aquelas coisas.

Não havia vestidos de noiva. Era uma saia e uma blusa que eu levava vestido. A blusa era branca e a saia era azul. Azul escura, pregueadinha. Feitas à mão. Faziam cá. E um xaile de merino. Ainda o tenho. Ainda a minha filha foi a um casamento, há dois anos, de uma afilhada dela e levou o xaile. Eu não queria e ela:

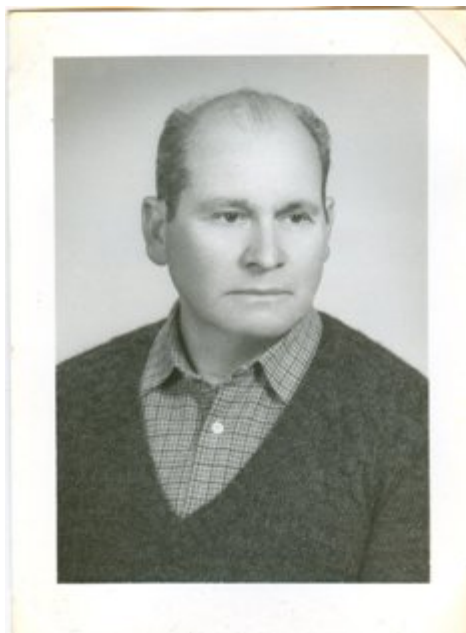
- "Ai, tenho de levar o xaile. Eu tenho de levar..."

Lá levou o xaile, pronto. Ela já queria levá-lo ao casamento do meu sobrinho, que também é afilhado dela. E ela disse para lho levar, mas eu disse que me esqueci. Disse ela:

- "Oh mãe, o xaile?"

- Ai. Esqueci-me.

Mas eu não me esqueci. Eu é que não quis levar. Agora ao outro levou-o.



José Lopes Ribeiro, marido de Liberta

Migração "*Não morei sempre aqui no Piódão*"

Não morei sempre aqui no Piódão. Estive 30 anos, lá baixo, em Lisboa. Quando me casei fui-me embora para lá. O meu marido trabalhava em Lisboa. Já lá estava, mas não havia muito tempo. Depois casámos e eu fui. Eu casei no dia 22 de Junho e fui no dia 30 para Lisboa. Estive lá 30 anos e depois vim outra vez.

A adaptação a Lisboa foi assim um bocadinho complicado. Uma pessoa ia à vontade daqui. Como a casa era grande, éramos só os dois, os meus pais e nós, o meu irmão e eu. Quando fui morar para lá fui para a Amadora. Já era

uma casinha assim mais ou menos, com três divisões, uma varanda grande, um corredor, uma despensa e a cozinha. Mas éramos três mulheres. Cada uma no seu quarto, todas a cozinhar na mesma cozinha. Nessa altura tinha 21 anos. Quando fui para Lisboa, fui logo para essa casa. Mas a gente tinha que fazer o comer na cozinha e comer lá ou então levá-lo para o quarto e cada um comia no seu. A casa de banho também para os três casais. Uma era minha cunhada, que é de Côja, e outra senhora, que lá estava, era lá não sei de onde. Depois essa senhora arranjou casa lá para Lisboa e ficamos então as duas, eu e a minha cunhada. Depois já ficou ela com um quarto e eu com outro, e o outro quarto fizéramos uma salinha para lá comermos. Como éramos família já comíamos ali assim todos juntos.

As saudades da família também foram bastantes. Estive na Amadora, depois em Alcântara e depois no Feijó. Do Feijó é que eu vim para aqui. Mas antes de vir para o Feijó ainda estive na Pampulha, lá na zona de Santos, em Alcântara. E depois de Alcântara ainda fui estar outra vez na Amadora. Mas não tenho saudades nenhuma de lá. Porque tinha um filhinho com seis anos e caiu lá dum terceiro andar por dentro da escada até cá abaixo e morreu. Isso foi muito duro.

Deixei muitos amigos. Nunca tive problemas com ninguém, graças a Deus. Sempre fui estimada por toda a gente e também sempre estimei as pessoas. O dia-a-dia era assim: era lavar a roupa e fazer o comer. Não havia máquinas. Era à mão. E era assim a vida. Aos domingos ia-se dar uma voltinha quando o marido podia, que às vezes até aos domingos tinha que trabalhar, quando aparecia trabalho. Íamos dar uma voltinha com os miúdos.

O meu marido trabalhava na Lisnave, na CUF. Primeiro era CUF e depois passou a Lisnave. Viemos para cá quando se reformou. Já estamos no Piódão há uns 20 anos se calhar. Mas também não me lembra de Lisboa. Nunca mais lá fui. Tenho lá família da banda do meu marido. Tenho lá umas irmãs dele e sobrinhos e outras em Leiria. Estão fartas de dizer para ir lá. É como se nunca lá estivesse estado. Não há grandes saudades. Não sei porquê também. Gosto de estar aqui. A gente aqui é um pé em casa outro na rua.

Descendência "*É uma menina quase com 50 anos*"

Só tenho uma filha. É uma menina quase com 50 anos. Já vai fazer 49. Chama-se Maria de Lurdes Lopes Ribeiro. Vive em Coimbra, é enfermeira. Vem cá muita vez, quando pode. Ela de Coimbra para aqui vem depressa. Aí hora e meia. Logo que ela possa, ela aparece aí. Ou nós também vamos lá muita vez. Não tenho netos que ela é solteira! Não se conseguí casar. Tenho só um sobrinho também, da minha banda.

Lugar Piódão

O Piódão, antes de eu ir para Lisboa era assim, mais ou menos, como é agora. Não está muito mudado. Depois começaram a ter mais umas casinhas brancas e assim. Agora já tiraram algumas. Havia mais. Onde é o posto médico era também de cal e telha. Picaram-na toda. Mas as paredes são de pedra à mesma. Não tem adiantado muito, não. Nem atrasado.

Janelas azuis

Não sei porque é que as casas aqui têm todas as janelas azuis. Deve ser uma tradição. A minha também tem. Agora até são de alumínio. Mas antes eram madeira. Mas não eram assim, eram cor de tijolo. Era a condizer com a telha da casa. Depois é que a tiraram que estava velha. Mas era muito gira a casa. Tinha umas águas furtadas para o lado de cima. Assim umas janelas de cima do telhado. Nós os dois, a mais o meu irmão e aqui os vizinhos de frente, que foram criados com a gente, às vezes entrávamos pelas escadas acima e íamos lá para cima da casa. Depois partíamos mais as telhas. Íamos para lá brincar. O cume era a quase como lá em cima, a Inatel, mas no meio tinha 2 metros e 70 de altura, e dos lados era a zero. Tiveram de a subir um bocadinho de cada lado porque senão não seguravam as lajes lá em cima. Teve que ser um bocadinho levantado. Acho que vai fazer agora nove anos, que a gente a arranjou. Já foi depois da minha mãe morrer. A minha mãe já fez dez anos que morreu, em Fevereiro.

Os animais

Tínhamos cabras. Depois para o fim é que já tínhamos coelhitos. Burros e outras coisas, aqui não havia. Não havia adubo, não havia nada. Era com aquele estrume de onde dormiam as cabras que estrumavam as terras. Eram os pais que levavam os animais a pastar enquanto a gente não podia. Assim que a gente começou a arrastar os pés, éramos nós, eu e o meu irmão mais novo. Mas não andavam assim muito pelos matos. Era aí nas fazendas. Já não tínhamos assim rebanhos como era antigamente. Era cinco, seis cabritas, para fazerem um queijito para comer cá em casa. Era assim a vida. Tinha-se que se cultivar para comer.

Cruzes nas portas

As cruzes nas portas é uma tradição antiga que tinham de sempre. Até nas fazendas punham. Agora é que não cultivam, não põem. Põem só nas casas. Mas é o ramo, que levam Domingo de Ramos à missa, depois são benzidos lá na procissão dos ramos e no dia de Santa Cruz, que é o dia 3 de Maio, daqueles ramos fazem as cruzinhas para pôr nas portas. Diz que é para evitar as trovoadas, os temporais, e assim essas coisas. Acho que dá resultado. Uns punham a nova e tiravam a velha. Mas há portas que têm uma quantidade delas. Põem todos os anos uma! Todos os anos eu ponho. Ponho na minha e ponho aos vizinhos do lado de cima, que cá não estão. Os turistas perguntam das cruzes todos os dias.

Moinhos e fornos

Há aí muito moinho, uns dez ou 11. O que é que nenhum mói agora. Antigamente, nesses moinhos moía-se o milho para cozer a broa. O forno não parava, toda a semana a cozer. Não havia pão de trigo como agora. Depois é que puseram ali a padaria. Agora é a Casa da Padaria de dormidas, mas antes foi uma padaria, que até era dum irmão do meu marido e agora é das sobrinhas. Os moinhos eram de todos. Só havia aí um ou dois que era particular. O resto eram comunitários, como o forno. Eram divididos pelas pessoas de nove em nove dias. Por exemplo, hoje era meu e daqui por nove dias tornava a ser meu. Dizia que era a andada do moinho. Há um forno comunitário no Piódão, que agora não coze também. Agora não há milho e não se pode cozer. Para não confundir os pães umas das outras tinham um sinal. Umas punham-lhe o dedo, fazia um caruchinho, outras punham-lhe dois dedos, outras punham-lhe a mão toda. Depois ficava com uns buraquitos. Era a marca das broas.

As levadas de água

As levadas de água é para regar as terras. Cada um tem a sua. Também é dividido, por horas, meias horas, conforme a terra que tem. Nunca deu confusão porque isto já é de muito antigo. É muito raro haver desavenças por causa da água. Dantes até regavam de noite mas agora já não. Porque agora também não há terra aí quase nenhuma cultivada. É só uns bocaditos aqui, pouco. Mas dantes tinham que regar de noite e tudo. Eu fui muita vez com a minha mãe ou com o meu pai, com uma lanternita. Nem luz havia. Era com uma lanternita a azeite

para se levar na mão, para se ir regar de noite. Era muita terra e o calor apertava. Tinha que se aproveitar tudo, que isto era tudo cultivadinho. Tudo, tudo. Tudo à mão. E tudo às costas cá para casa. Era um bocado dura aqui a vida.

Carvão

Lembro-me como se fazia o carvão. Arrancavam as torgas com um enxadão e faziam uma cova grande. Metiam lá as torgas com lume para aquecer e depois quando elas já estivessem em brasa, começavam a tapar com terra à volta até chegar ao cimo. Ficava tapada ali toda a noite e depois de manhã é que era tirado o carvão, depois ensacavam, para venderem. Era o petróleo daquele tempo.

A procissão

A padroeira da freguesia é a Senhora da Conceição. Está lá no trono da igreja. O padroeiro, mesmo só daqui da terra do Piódão, é o São Pedro. Está na capelinha. As festas do São Pedro é só a missa, no dia 29 de Junho. Agora a da igreja é que costumava ser de dois em dois anos. Fizeram-na este ano agora. Agora não sei se para o outro ano fazem. Mas é bonita! É nessa festa que se faz a procissão. Levam os andores todos, os santos todos. E também a Senhora do Bom Parto, Santa Teresinha e Santa Bárbara. Na igreja estão muitos! É a Senhora da Conceição que é a padroeira, São Miguel, São Sebastião, Santo António, São José, o Sagrado Coração de Jesus, o Sagrado Coração de Maria, a Senhora de Fátima e a Senhora dos Verdes. Só da igreja são estes. É uma procissão grande e bonita. Só os santos e as bandeiras fazem uma boa procissão. Acho que ainda fizeram baile. Mas também não há assim muita malta nova agora. São os que vêm de fora. Os daqui, coitados, são todos velhos. É o mordomo da igreja que organiza a festa. Por acaso, primeiro mudavam todos os anos, mas agora tem uma comissão da igreja. Sempre teve, mas tinham o mordomo que mudava todos os anos. Agora nem há, é a comissão da igreja que tem que orientar. É de três em três anos que muda.

Natal, Passagem de Ano e Páscoa

O dia do Natal aqui não é assim nada de especial. Praticamente, fica toda a gente em sua casa. Muitos até vão para fora, para ir passar o Natal com as famílias. Outros vêm para cá. Passa-se à lareira, é a missa no dia de Natal e pouco mais. Fazem uma fogueira no largo, com cepos que vão buscar dessa lenha.

Agora há muita. E é assim. Não há assim muita festa, não. Até já há pessoas, às vezes, que procuram:

- "Então a passagem do ano aqui?"

- Oh! A passagem do ano não sei. Por mim, não me apercebo de nada.

Venho cá para casa. Não sei.

A Páscoa também é bonita, dão as boas festas pelas casas. Agora não vem o padre é um leigo. O senhor prior também não pode muito. Não tem muita saúde. Mas vai às casas todas com a cruz.

"Nunca houve médico na aldeia"

Nunca houve um médico na aldeia. Eu lembra-me quando era mais novita, a gente precisava do médico. A minha mãe dizia que uma vez que estive doente, quando era pequenita, que me levaram numa cesta, à cabeça, para ir a Vide, ao médico. Depois na Vide não calhou de estar o médico. Mandaram-me para Avô. Outra vez a pé. A pé do Piódão para a Vide e da Vide para Avô, para ir ao médico. Depois de Avô para aqui outra vez a pé. Eu não me lembro mas ela contava isso muita vez. E os outros era a mesma coisa. Depois quando era preciso qualquer coisa iam chamar o médico a Avô, que era o que vinha cá, o senhor doutor Vasco. Iam daqui com um macho para o irem buscar, para vir ao Piódão e depois tinham que o lá ir levar outra vez. Mas estava sempre pronto para vir. Fosse de dia, fosse de noite. E depois quando fizeram aqui o posto médico começou a vir de oito em oito dias. Agora vem de 15 dias, três semanas, um mês. É conforme podem mandá-lo.

"Maria Silva parteira"

Havia uma senhora que ajudava as grávidas. Uma senhora velha. Eu lembra-me ela já ser velhota. Morava ao pé da capela de São Pedro. Até está lá uma pedra na parede. Maria Silva parteira. Uma curiosa. Devia ter sido ela que ajudou a minha mãe quando eu nasci, com certeza.

Turistas no Piódão

Já há tempo que começaram a aparecer os turistas. Isto nem tinha luz, primeiro, nem esgoto. Foi depois aquele senhor, o Eugénio Correia, é que classificou isto e é que começaram. Ainda nem havia estrada para cá chegar. E puseram a luz. Até era muito bonita a luz. Era daqueles focos, nem se viam.

De além daquele lado só se via a luz nas paredes. Era muito giro. Parecia um presépio aquilo tudo. Assim é que começaram a aparecer mais os turistas.

Eu acho que os turistas fazem bem à aldeia. Pelo menos sempre anima mais aí a malta. Sempre há mais gente. Nem havia dormidas nesse tempo. Agora é que já há. Já há muita dormida. As pessoas do Piódão gostam de receber os turistas. Ninguém os trata mal. Acho eu que não! A gente ainda se entretém, muitas vezes, ali com eles à porta à conversa. Às vezes, digo para o meu marido:

- Vai, vai lá para a porta ver se te entreténs lá com os turistas, a falar-lhe das cruces. Eles todos procuram das cruces. Acham graça. E pronto, a gente está aqui assim. Há todo turistas o ano. Às vezes ainda vêm mais no Inverno. Agora o mês de Agosto é que veio mais gente, mas no Inverno também vêm. Às vezes, até estão aos dois e aos três dias. E muita gente.

Para mim esta terra é bonita. Agora para os outros não sei. Eu acho que aconselhava a visitar. Já tenho falado aí muita vez às pessoas. Dizem assim:

- "Então e as senhoras como é que cá vivem?"

- Então, vive-se como nos outros lados. Cada um tem que viver com aquilo que tem.

Os Invernos

Os Invernos aqui são um bocadinho frios. Mas já foi pior. Eu lembra-me quando era pequenina que quando acordávamos de manhã no Inverno, às vezes, a neve estava à porta. A neve tinha aí um metro de altura quase. Tinha que levar um sacho para abrir a porta. Não havia água em casa, nem luz. Era num chafariz. Tinha eu 3 anos quando fizeram um chafariz. E a gente ia. Onde depois começasse um a passar, fazia um carreiro e a neve alta dos lados. Mas estava aos meses a neve aqui. Agora não neva. Não tem nevado. Nem para tirar fotografias. Deixa lá um bocadinho na ponta da serra. Desaparece logo. Às vezes, está-se a peneirar, que até é giro quando está a nevar. É bonito. Hoje até ligo para a filha e digo assim:

- Olha, está a nevar.

- "Ai! E eu não estou lá."

Digo assim:

- É bonito nevar mas é se depois cá não houvesse neve para te ires embora, se não estivesse aí a estrada cheia de neve.

Mas agora é só na serra, um bocadinho. Cá para baixo não tem coalhado a neve.

Costumes *Gastronomia*

Agora já se come muita coisa. Dantes era o que se cultivava. Matavam o porquito, comiam a carne, bebiam o leite, o queijo e da horta. Batatas havia e cultivavam feijão.

A Tigelada

Os doces era o arroz-doce e as tigeladas. As tigeladas diziam que era o doce mais fino cá da terra. É bom de fazer. Aquilo tem uma medida. É conforme se queira fazer. Há quem faça assim, por exemplo, dez ovos para um litro de leite. A mim por acaso ensinaram-me a fazer assim, foi a irmã do meu marido que cozinhava muito bem, uma que já morreu. A gente abria os ovos para uma taçazinha. Até costuma abrir para uma, que pode ir algum estragado, para não misturar. Mas pronto, faz-se uma medida dos ovos. Põe-se para um alguidarinho ou para uma coisa qualquer. Depois quantas medidas de ovos puser, quantas medidas de leite leva. Elas agora já costumam fazer assim: é dez ovos ou 12 e um litro de leite. E o açúcar é o que lhe quiserem pôr, à medida do doce que a gente quiser. Aquilo bate-se, não é preciso bater muito mas que fique assim batidinho, só com os ovos, o leite e o açúcar e vai ao forno. Deixa cozer no forno. Mas por acaso, se ficarem bem feitinhas é muito bom. Vai ao forno numa taça, um tacho vidrado é que é o melhor. E vai à mesa no tacho onde é feito. Daqueles de barro vidrado. Algumas ficam assim com aquela crostazinha por cima. Mas se a gente vir que ela se está a queimar põe-se-lhe um bocadinho daquele papel de alumínio por cima, para não deixar queimar tanto. Agora até já há essas coisas. A gente depois mete-lhe uma coisinha, um palito ou assim, se vier seco está cozida. É fácil de fazer. Não é preciso estar lá a mexer nem nada.

Os coscoréis

Os coscoréis são uns bolos. Amassa-se os ovos, cada um deita aqueles que quer, deixa estar a levedar um bocado, depois põe-se o óleo ao lume. Eu não tenho é muita coisa para isso. Uma que gosta de fazer isso é a minha sobrinha da Casa da Padaria. Essa leva-os para onde quer. Depois tira um bocadinho de massa, emboleia, vai esticando, esticando, esticando, depois deita no azeite. Aquilo empolam ali. Ficam redondinhos, bonitos. Se lhe puserem açúcar é doce.

Queijo

Agora não sei fazer queijo, pois há uns 50 e tal anos que não faço. Mas quando era nova fazia. Trazia-se o leite e depois era coado por um pano limpinho. Depois punha-se cardo ou coalho. Naquele tempo era o coalho, que era do estômago dos cabritinhos que tirava, antes de terem comido. Era para o leite ficar limpinho. Depois punha aquilo a secar e punha um bocadinho pequenino num bocadinho de água quente e aquilo desfeitinho. Punha também no pano onde coava o leite para a panela. Depois deixava-o estar a coalhar. Ao fim de estar coalhado tirava-o com a mão e punha-se no acincho com um bocadinho de sal, para deixarem secar para comer.

Os incêndios acabaram com o azeite

O azeite era feito num lagar que está aqui em baixo, que ardeu também. Até já estava caído. Mas também ardeu ao fundo da ribeira. Cada um tinha o seu. A igreja também tinha um olival. Agora não têm nada. Não há azeite. Ardeu tudo. Já fez 21 anos, que foi o primeiro incêndio. E agora foi há três anos o outro que acabou com isto. Foi dia 16 de Setembro que ardeu. Lembro-me desse dia. E bem. O fogo chegou aqui em cima. Aquilo tudo por aí abaixo. Era quanto a vista alcançava. Só ficou um bocadito, que este ano também ardeu, um bocadito de pinhal aqui à frente, que os bombeiros livraram, para não vir para o povo. Senão ia povo e ia tudo.

No primeiro incêndio estivemos cá. Agora no último incêndio é que ficou cá só a malta mais nova. Vieram buscar a gente de idade para Côja. Ardeu só um bocadinho de uma casa. A gente não estava cá, estava lá para baixo. Estava uma casita caída e lá veio cair qualquer coisita de lume e ainda se lá pegou fogo também. A gente só veio depois quando isto acalmou. Quando a gente chegou aqui e viu assim tudo queimadinho... Quando apareci lá adiante a primeira coisa foi olhar cá para a casa a ver se ainda cá estava ou não. Foi um bocado complicado. Depois os meus familiares telefonavam assim:

- "A gente vai-te buscar."

- Ai deixa-me estar que estou aqui e estou cá bem.

Por acaso fui para casa do meu cunhado. Eles levaram as pessoas para um pavilhão lá para Côja, mas o meu marido tem lá uma irmã e a gente foi para casa dela. Estive bem, graças a Deus, não me faltou nada. A gente quando chegou aqui sentiu um vazio de ver tudo queimado. Tudo, tudo. Vá lá, ficou o povo. Já não foi nada mau.

Quotidiano *O dia a dia*

Agora passo assim os meus dias: de manhã levanto-me, trato do pequeno-almoço, da casa, da roupa e depois vou almoçar ao Centro de Dia. Já há dez anos que lá vou comer. Foi quando ele abriu. Faz agora 11 anos. E depois gosto de estar a fazer uns panitos, umas coisas. Gosto de estar entretida. Faço renda, sempre fiz. Não aprendi a fazer com ninguém. Comecei eu a fazer. A minha mãe, que Deus tem, não fazia. Diz que nunca aprendeu, que nunca lhe deram tempo. Mas nem era bem o tempo. Era a ideia.

- "Olha, tu saís à tua avó do Soito da Ruiva."

Que era a mãe dela. Dizia que a mãe dela, que se lembra ela quando era pequenina, que ia para o mato, para a fazenda, para o trabalho, que deitava o podão e a corda à cabeça, num capuz e que ia a fazer pelo caminho. Eu estou-me a lembrar da minha mãe ainda ter umas renditas numas almofaditas. Mas era umas almofadinhas pequeninas que se usava naquele tempo. Já acabou tudo. Mas era coisas que a minha avó fazia . Eu já fiz várias toalhas. Para mim e para minha filha. À noite vou ao terço, passar um bocadinho, venho para casa, vejo as novelas, vou para a cama e pronto.

Sonhos "*Gostava de ter aprendido*"

Se calhar gostava de ter aprendido mais qualquer coisa, que eu tinha boa cabeça mas não tive tempo para isso. Mesmo quando casei o meu marido disse:

- "Olha foi uma pena quando fomos para Lisboa, que éramos só os dois, ainda não te teres metido numa escola ou assim numa coisa qualquer."

Eu aprendia bem. Ainda andei uma temporada, com mais raparigas até do Piódão, mas cada uma estava na sua casa.

Avaliação "*Para valorizar as pessoas*"

Eu acho que é importante este trabalho. Acho que se a coisa é para valer, se é para valorizar as pessoas tudo é bom, é bem feito.